

BEOWULF E AS ESTRUTURAS DA ESCANDINÁVIA PRÉ-VIKING¹

BEOWULF Y LAS ESTRUCTURAS DE LA ESCANDINAVIA PREVIKINGA

Ciro Flamarion Cardoso²

Resumo: O artigo analisa as estruturas sociais pertencentes à Escandinávia Pré-Viking existentes no poema anglo-saxônico *Beowulf*, especialmente através de uma perspectiva arqueológica e da cultura material.

Palavras-chave: Beowulf; Escandinávia Pré-Viking; Arqueologia; Literatura germânica.

Resumen: El artículo analiza las estructuras sociales pertenecientes a la Escandinavia previkinga existentes en el poema anglosajón *Beowulf*, especialmente a través de una perspectiva arqueológica y de la cultura material.

Palabras clave: Beowulf; Escandinavia previkinga; Arqueología; Literatura germánica.

1. O problema

Beowulf (*Bëowulf*) é um poema épico anglo-saxão de tema escandinavo. A ação se passa, na primeira parte (versos 1 a 2199), na ilha de Sjealland, na corte dos dinamarqueses, no seu final relatando a volta do herói e seus homens ao que é hoje o sul da Suécia continental: o reino dos Geatas (em anglo-saxão; em sueco arcaico, *Gøtar*); e em tal reino se passa a segunda parte do poema (versos 2200 a 3182). Além das cortes dinamarquesa e dos geatas, há menções numerosas aos suecos e sua família real, bem como à Frísia, nos Países Baixos.

¹ **Nota dos editores:** Este artigo foi publicado originalmente em 2004, na primeira fase do boletim *Notícias Asgardianas*, atualmente indisponível. Ele foi recuperado através dos arquivos da lista de discussão eletrônica do PEM (*Programa de Estudos Medievais* da UFRJ). O interesse de Ciro Flamarion Cardoso pelo poema *Beowulf* foi originado de um curso que ele frequentou sobre cultura e escrita anglo-saxã, durante sua estadia na Inglaterra dos anos 1980 (informação pessoal repassada a Johnni Langer em 2009 durante o *II Colóquio de Estudos Celtas e Germânicos* do CEIA-UFF).

² (*1942-†2013), Professor Titular de História Antiga e Medieval da UFF; coordenador do CEIA-UFF.

A questão que formulamos é a seguinte: será válido usar o poema em questão como fonte para estudar as estruturas básicas de uma parte do mundo escandinavo? E, caso se responda afirmativamente: em que período? A resposta à primeira pergunta dependerá de um exame de serem ou não compatíveis as informações proporcionadas pelo poema com o que se sabe pela Arqueologia e através da tradição oral escandinava (fixada por escrito tardiamente, mas numa forma linguisticamente arcaica, o que encoraja a considerá-la). Quanto à segunda pergunta, há um único fato datável em *Beowulf*, através do confronto com outra fonte: Gregório de Tours, morto em 594, menciona o ataque nórdico à Frísia, *raid* que descreve nosso poema épico em seus versos 2354 a 2364, permitindo sua datação em aproximadamente 520 (*Historiæ Francorum*, III, 3). Levando em conta a lógica da cronologia interna do poema, este cobriria, então, os últimos anos do século V e boa parte do século VI.

Há dois problemas, aqui: *Beowulf* é de data sem dúvida posterior àquilo que pretende narrar; e trata-se de um poema redigido no que é hoje a Inglaterra, não na Escandinávia. Não estaria projetando sobre as terras escandinavas realidades anglo-saxônicas?

A data do poema é, a rigor, desconhecida. A maioria das estimativas a situa entre 650 e 850, sem argumentos decisivos para cada posição; e nos últimos anos há uma tendência a considerar o texto como sendo ainda mais tardio, pelo menos na forma em que o temos. Alguns acham, mesmo, que surgiu em data próxima à de sua única cópia disponível, que forma parte de um manuscrito (códice) escrito por dois escribas copistas diferentes: o Ms. *Cotton-Vitellius A.XV* da *British Library* (no *British Museum*), que é de mais ou menos 1000. Tal cópia está escrita em saxão ocidental tardio, o dialeto literário da época. A cópia certamente não é o texto original. Há traços de uma cadeia de cópias anteriores e de tradição oral, segundo alguns especialistas de mais de duzentos anos. O texto contém formas que não são do saxão ocidental, arcaicas, as quais se misturam às formas do ano 1000. As datas preferidas por razões de história cultural-literária dos reinos anglo-saxões são: a do venerável Beda (673-735); a do rei Offa da Mércia (757-796). O poema contém, numa digressão difícil de explicar, a história de um rei dos anglos anterior à migração para a Inglaterra, o rei Offa do século IV (versos 1931-1962), o que poderia explicar-se eventualmente como uma homenagem ao rei Offa do século VIII, talvez patrono do poeta. Mas tudo isso são suposições.

A questão acerca de referir-se o poema à Escandinávia ou à Inglaterra anglo-saxã parece menos importante desde que, em 1939, se descobriu o enterro real de Sutton Hoo, no que foi o reino de East Anglia (no estuário do Deben, em Suffolk). Trata-se de enterro num barco sem mastro nem vela, contendo um tesouro que inclui moedas francas de até 620, objetos do Mediterrâneo oriental, uma harpa, cornos de beber, um estandarte de batalha, armas - tudo muito semelhante ao que se descreve em *Beowulf*, mostrando uma unidade de cultura material e vínculos estreitos com a Escandinávia da Alta Idade Média. Afinal, os anglo-saxões vieram da Jutlândia meridional e regiões imediatamente ao sul desta. Há semelhanças muito grandes dos objetos de Sutton Hoo com o que os arqueólogos descobriram em enterros em barcos da Suécia do século VII.

Dito isto, existem certamente anacronismos no poema. Por exemplo, e principalmente: o barco descrito em *Beowulf* nos versos 1905 a 1913 é um barco a vela com mastro. Ora, a introdução da vela apenas começa na Escandinávia por volta de 500. E, mais em geral, o barco descrito é mais avançado do que os dos enterros de Sutton Hoo e suecos do século VII. Seja como for, o teste de maior importância é avaliar até que ponto é possível mostrar uma compatibilidade entre nosso poema épico e dados independentes, sobretudo os da Arqueologia, sobre a Escandinávia pré-viking.

2. Elementos de controle na utilização da fonte

Por elementos de controle entendemos a reconstituição das estruturas e dados históricos da Escandinávia da Idade do Ferro, em especial nos séculos V e VI d.C., a partir de fontes independentes de *Beowulf*: a documentação arqueológica (em associação com a toponímia) e a tradição oral escandinava.

2.1. As lições da Arqueologia

A Idade do Ferro escandinava é habitualmente dividida pelos arqueólogos nos períodos seguintes: 1) Idade do Ferro Inicial (com os subperíodos: Pré-Romano, correspondendo aos cinco últimos séculos a.C.; e Romano, que compreende os quatro primeiros séculos d.C.); 2) Idade do Ferro Tardia (com os subperíodos: Fase das Migrações, séculos V e VI d.C.; e Fase Vendel, séculos VII e VIII d.C.). A Fase Vendel serviu de "plataforma de lançamento" à

expansão escandinava da Idade dos Vikings, que durou cerca de três séculos (IX a XI d.C.; embora de fato os primeiros *raids* vikings importantes fora da Escandinávia datem da parte final do século VIII).

No tocante aos subperíodos da Idade do Ferro, algumas das designações precisam ser explicadas: a Escandinávia nunca fez parte do Império Romano, o que quer dizer que "Romano" significa, no caso, coexistência no tempo com o Império e a importância da importação escandinava de artigos romanos como bens de prestígio (funerários e votivos); por outro lado, a região nórdica ficou ao largo das grandes migrações ditas "bárbaras" dos séculos da "Fase das Migrações" - designação, então, que pretende só indicar contemporaneidade com os grandes movimentos de povos mais ao sul. É verdade que a Escandinávia conheceu, anteriormente (na Idade do Ferro Romana Tardia, entre 200 e 400 d.C.), como o demonstram os dados arqueológicos, movimentos migratórios importantes, internos à região: exércitos provenientes do sudeste da Noruega e da costa oeste da Suécia batalharam então, em diversas ocasiões, pelo controle da Jutlândia oriental e de Fyn.

Pode notar-se, na periodização acima, que o período que corresponde à ação de Beowulf situa-se na Fase das Migrações da Idade do Ferro Tardia.

Dentre os múltiplos aspectos que a arqueologia - em associação com outras disciplinas, por exemplo a Paleoecologia e a Toponímia - permite abordar no tocante à Idade do Ferro escandinava, vamos concentrar-nos em dois: 1) agricultura, assentamento rural e sistemas agrários; 2) trocas a longa distância e empórios.

O estudo dos topônimos mostrou, para o sul da Escandinávia - sua parte mais cedo desenvolvida, onde há maior extensão de terras férteis -, que antes da Idade dos Vikings os assentamentos rurais formavam blocos separados com áreas vazias entre eles. Tais blocos se concentravam nas terras de melhor qualidade, de início as mais leves, já que o arado era de madeira e sem vertedeira antes da Era Viking; a melhoria dos implementos (mesmo sem se dispor ainda de um arado mais eficiente) e a necessidade, já que foi grande o aumento da população, levaram ainda na Idade do Ferro à ocupação de terras mais pesadas, de cultivo bem mais difícil. A toponímia também indica que foram as zonas de assentamento da Idade

do Ferro que, mais tarde, serviram de base às circunscrições administrativas e, após a cristianização relativamente tardia, às paróquias, o que demonstra o papel essencial daquela Idade na configuração de longa duração do povoamento rural escandinavo.

Na Idade do Ferro Inicial deu-se a continuação de um longo movimento de ocupação de novas terras, começado por volta de 2000 a.C. em função de uma população em aumento, o qual se estende até meados do primeiro milênio d.C. Como se disse, a Escandinávia ficou à margem das grandes migrações, nos séculos que em outras partes da Europa viram a queda do Império Romano do Ocidente e o surgimento dos reinos romano-germânicos. Em certos casos, as aldeias ocuparam mais ou menos a mesma área geral, mudando de sítio lentamente, mas dentro de um território restrito, às vezes, mesmo, até a atualidade.

A escavação de uma dessas aldeias de longuíssima duração, Vorbasse, na Jutlândia central (Dinamarca), foi essencial para entender alguns aspectos de continuidade, mas também de descontinuidade na história rural escandinava no período considerado. Vorbasse foi sítio ocupado do século I a.C. até a atualidade. Na fase que se estende das origens da aldeia até o século XI, o assentamento migrou no interior de uma área de não mais de 1 km². A cultura material mostra mudanças desprovidas de cortes drásticos e uma estabilidade milenar do povoamento. Nos séculos III e IV de nossa era, a aldeia chegou a contar com 19 fazendas; nos séculos VI e VII, porém, eram só 7 ou 8. Em cada fazenda, uma casa longa era ocupada de um lado pela família, do outro pelo gado. Os campos eram amuralhados, individualizados. Isto significa que não se tratava de verdadeira aldeia, no sentido habitual da palavra ao se tratar da Idade Média, e sim, de um aglomerado contíguo de fazendas independentes. As fazendas maiores de Vorbasse podem ter contido uma quantidade considerável de animais.

O movimento de expansão e colonização das terras em detrimento das florestas é confirmado pelos diagramas polínicos, até mais ou menos 500 d.C., com variações locais, pois tal movimento mostra em certos casos sinais de crise ecológica incipiente e esgotamento desde 200 d.C. A crise se ligou à exploração excessiva das mesmas terras por longo tempo, mesmo se se tentou contorná-la com o uso de adubo. A maior expansão deu-se entre 500 a.C. e 150 a.C.

Desde o início da Idade do Ferro surge um traço da paisagem rural que se manterá até a Era dos Vikings: a "casa longa", de adobe e às vezes de madeira, que já se mencionou acima ao falar de Vorbasse, com um número variável de estruturas menores à volta (incluindo, com o tempo, cabanas semienterradas que eram centros de artesanato: forjas, locais de tecelagem etc.). Numa extremidade dessa casa viviam as pessoas; na outra, o gado, cujo esterco podia ser usado para adubar os campos. Até 200-500 d.C. (o limite entre a fase anterior e uma nova fase agrária sendo, como dissemos, variável regionalmente), tais casas, embora crescendo em média com o tempo para acomodar mais pessoas, eram menores e havia um sistema de campos que indicava uma alternância de uso das mesmas terras para o cultivo e para o pousio (e produção de forragem), associado a redistribuições periódicas do solo, um certo igualitarismo rural - que em alguns casos, no entanto, já mostrava indícios de estratificação, com uma das "casas longas" da aldeia sendo bem maior e mais importante do que as demais - e um uso extenso das pastagens florestais.

A destruição dos bosques tornou inviável tal modelo, ao agir conjuntamente com eventuais flutuações climáticas. Sinais de crise são mais ou menos claros por volta de 500 d.C. Pelo estudo do pólen fóssil sabe-se que houve, então, um momentâneo avanço da floresta no sul da Escandinávia. Isto se confirma por datações de carbono-14 que em certos sítios, com exceção das fazendas mais ricas, demonstram terem predominado por algum tempo os carneiros sobre o gado maior.

Ao ocorrer a crise, notam-se duas soluções diferentes. Em algumas partes da Escandinávia, a destruição da floresta foi permanente: expandiram-se então as pastagens. Em outras regiões, a solução foi uma reorganização radical do sistema agrário, permitindo uma reconstituição da floresta através de uma concentração dos esforços agrícolas num bloco de terra fértil contíguo às "casas longas", com maior investimento (permitido por melhores métodos para cortar a vegetação: foices aperfeiçoadas, por exemplo, existiam a partir da época de Cristo) na coleta de forragem de inverno para manter estabulado um rebanho mais numeroso e, assim, contar com mais adubo e eliminar o pousio. A terra agrária foi cercada para protegê-la do gado e as aldeias tomaram a forma de "fazendas" contíguas, mas individualizadas e separadas, o que parece apontar para uma intensificação da estratificação

social: cada unidade rural contava doravante com artesanato variado, depósitos e uma mão-de-obra dependente além da familiar, o que indicaria que muitos lavradores perderam acesso à terra (que já não era redistribuída). Esta transformação intensificou-se em função dos efeitos demográficos da grande epidemia europeia da época de Justiniano (século VI).

Em toda a área escandinava do sul que nos interessa ocorreu desde meados do I milênio d.C., independentemente das soluções agrárias divergentes, uma suplementação de recursos através da pilhagem de outros assentamentos dentro e fora da região nórdica, com forte intensificação do militarismo e dos ataques por mar. Com efeito, sobretudo a partir de meados do primeiro milênio d.C. - exatamente a época que nos interessa - , aperfeiçoamentos grandes nas técnicas de navegação tiveram início. A vela começou a aparecer por volta de 500 d.C., embora no início do século VI ainda predominassem os barcos a remo. Desde aproximadamente 200 d.C., uma elite guerreira estava já consolidada; e desde 400 d.C. há sinais de já existirem reis que mantinham guerreiros dependentes aos quais doavam propriedades rurais, uma maior especialização do trabalho, classes emergentes, um sistema de taxaço. A Era Viking viria confirmar os padrões de individualismo, estratificação, militarização e crescimento do poder de chefes esboçados acima: de "reis tribais" que ainda eram no final da Idade do Ferro, aqueles chefes transformar-se-iam gradualmente em verdadeiros monarcas (entrando em choque, no processo, com o forte individualismo dos granjeiros-piratas). No tocante às estruturas rurais e ao tipo de "casas longas" que a Arqueologia estuda, nota-se grande continuidade entre o final da Idade do Ferro e as fases posteriores. Quanto à tecnologia rural, a grande novidade da Era Viking seria a introdução do arado pesado com vertedeira e partes de metal.

A evolução anterior se reflete também na arqueologia funerária e religiosa. Nos últimos séculos a.C., os bens encontrados nas tumbas e também os votivos (dedicados aos deuses: por exemplo, atirados, como os sacrifícios humanos, em pântanos, no caso da Dinamarca) haviam-se tornado mais ricos do que no passado: os produtos importados incluídos entre tais bens eram, então, sobretudo celtas. Nos quatro primeiros séculos depois de Cristo, uma separação estrita aparece entre os tipos de objetos enterrados com os mortos e aqueles ofertados aos deuses: são conspícuos os objetos de uso pessoal romanos, importados, achados nas tumbas,

enquanto só se oferecem aos deuses armas, barcos e estatuetas (romanas). A partir do século V, desaparecem os objetos romanos e, por outro lado, são pouquíssimos os bens enterrados com os mortos, numa sociedade em que os herdeiros agora pretendiam receber em herança os objetos pertencentes à geração anterior. Em contraste, os bens votivos são muitos e ricos (em especial objetos de ouro), o que mostra a necessidade de legitimação religiosa do poder numa sociedade que já não se organiza segundo o parentesco e o igualitarismo, mas sim, encontra-se muito estratificada.

Note-se que a Dinamarca passou mais rapidamente por essas transformações do que a Suécia e a Noruega. Na verdade, a cronologia que se expôs está mais baseada na área dinamarquesa do que na sueca. Na Suécia, os enterros imponentes continuaram por muito mais tempo, o que torna sua arqueologia funerária muito diferente da dinamarquesa. Em termos de um contraste arqueológico entre Dinamarca e Suécia na época pré-viking, ao que já foi apontado some-se a ausência na primeira e presença na segunda de fortalezas. No relativo à interpretação dos dados arqueológicos da Idade do Ferro escandinava de aproximadamente 500 a.C. em diante, Kristian Kristiansen apresenta uma versão que diverge em pontos básicos da de Klavs Randsborg. O primeiro se baseia, em grande parte, em escavações por Lotte Hedeager de sítios arqueológicos dinamarqueses: provavelmente por não considerar suficientemente as diferenças com a Suécia é que surgem as divergências com Randsborg ao se tratar de generalizações acerca de toda a Escandinávia meridional. A própria Hedeager, em síntese mais recente, é em certos momentos consistente e em outros inconsistente, a meu ver, com as hipóteses que deriva de suas próprias escavações dinamarquesas em comparação com outras descobertas, feitas em território hoje sueco ou inglês.

A maior estratificação, a emergência de núcleos cada vez mais importantes de poder e os progressos da navegação se leem arqueologicamente também no surgimento de empórios - centros de comércio e artesanato, de início ocupados só esporadicamente - sob o controle de "reis" que de início são de fato chefes de poder variável, mas que ainda não merecem o nome de monarcas, já que não controlam estruturas estatais estáveis, com burocracia, e governam territórios e organizações tributárias que oscilam enormemente em períodos curtos.

Seja como for, a possibilidade de mobilizar recursos mais consideráveis do que no passado se nota, por exemplo, em grandes fortificações, típicas da Idade do Ferro Tardia, como o forte de Eketorp (Öland, Suécia) e, já na Fase Vendel, o Danevirke, uma extensa muralha para proteger os limites meridionais da Dinamarca. Mesmo sendo verdade que a Escandinávia mostrava-se relativamente marginal em relação à expansão merovíngia e ao mundo dos francos, no forte de Eketorp, no tocante aos séculos V e VI, acharam-se objetos de vidro provenientes da Europa Central; e o forte mesmo copiava detalhes da forma das fortificações típicas da Antiguidade tardia.

Tratando-se das relações econômicas com o exterior, nota-se, em meados do I milênio d.C., a presença de grande quantidade de *solidi* ostrogodos, às vezes já muito gastos pelo uso, e mesmo de *denarii* romanos de prata do século II d.C. Essas moedas haviam chegado à Escandinávia através do Reno, ao que parece, da mesma forma que objetos do Mediterrâneo oriental e mesmo do Extremo Oriente. Os produtos escandinavos dados em troca eram peles, âmbar, marfim de dentes de morsa e escravos. O período que nos interessa manifesta uma transição. Há escassez de moedas, até o primeiro influxo da prata muçulmana por volta do ano 800 d.C. (de Bagdá e Bassora, na Mesopotâmia). Bens romanos chegaram até o século IV de nossa era, sendo sua posse um sinal de prestígio; em seguida foram substituídos por objetos germânicos, alguns feitos na própria Escandinávia, que a arqueologia descobre em quantidade considerável.

Um dos mais antigos dos empórios escandinavos escavados é Helgö, na Suécia, situado numa ilha próxima à capital atual, Estocolmo, e onde se elevou um forte. Na década de 1950, escavou-se o empório local, ocupado desde mais ou menos 400 d.C. Usado só em certas épocas do ano, era um centro de produção metalúrgica de luxo ou ourivesaria (e de distribuição do ferro proveniente do norte escandinavo) e um núcleo comercial. Os achados mais famosos dos arqueólogos em Helgö são, porém, de épocas mais tardias do que a da ação de Beowulf: um Buda indiano do século VII, produtos mediterrâneos e objetos chegados em função de *raids* vikings posteriores (por exemplo, um báculo irlandês do século VIII).

Mais recentemente, realizaram-se escavações em outro empório escandinavo: Lundeberg, na região de Gudme (a sudoeste da sede real de Fyn, na Dinamarca), centro de comércio e artesanato ocupado de 200 a 700 d.C., onde se comprovam vinculações com múltiplos pontos da Europa e do Mediterrâneo oriental.

2.2. A tradição oral escandinava e sua fixação por escrito

Até começos do século XX, a tradição oral escandinava tendia a ser aceita em forma bastante acrítica. Os trabalhos de Curt e Lauritz Weibull na Suécia e de Halvdan Koht na Noruega assinalaram o início de uma fase mais crítica e cuidadosa. Muito material passou a ser considerado suspeito, incluindo boa parte das crônicas e sagas, que, outrossim, só começaram a fixar-se por escrito no século XII. Embora as pedras com inscrições rúnicas sejam mais antigas, raramente trazem textos longos e, seja como for, poucas antecedem o ano 1000. Note-se, porém, que as críticas atacam sobretudo as genealogias reais e as narrativas históricas de batalhas, viagens etc., não o quadro geral: instituições, vida quotidiana. Seja como for, *Beowulf* tem um valor muito grande, sendo anterior à fixação por escrito da tradição oral mencionada, além de apresentar com ela muitos pontos em comum: por exemplo, a formação da Suécia através de uma luta secular entre suecos e gøtar ou geatas, até mais ou menos o ano 1000. Também coincidem dinastias e reis, embora haja muitas variantes a respeito nas fontes escandinavas. Sobretudo, a visão do social e das instituições pré-vikings é perfeitamente compatível ao confrontar-se o poema épico que nos ocupa com os dados da tradição oral.

Na Dinamarca como na Suécia, o ponto de partida para os futuros reinos foram primeiro a fazenda familiar, em seguida o assentamento rural, num nível ainda mais amplo o distrito (na Dinamarca chamado *hérath*). A etimologia do termo que designa o distrito indica cavaleiros, com conotação militar, numa área em que ocorre uma reunião periódica, judiciária e consultiva para assuntos de administração: o *Thing*. No sul da Escandinávia, região que conta com grandes planícies, com o tempo aquelas unidades menores se agruparam em confederações tribais que reuniam vários distritos; a todas as instâncias, incluindo depois o

Conselho real, tinham acesso exclusivamente os homens livres que fossem proprietários de terra e de gado.

As confederações e os "reinos" mais antigos eram instáveis: guerras, alianças, casos de sangue, casamentos, faziam mudar o mapa político - às vezes com grande rapidez. E tais reinos eram muitos, mesmo se *Beowulf* só fala de três deles. No nosso poema, muitas vezes um sobrinho derruba o tio, um primo destrona outro. Os reinos podem sumir após guerras que não passam de pequenas escaramuças e expedições rápidas de pilhagem. Havia um forte individualismo subsistente, o que é salientado pela tradição acerca da colonização da Islândia, a qual atribui as partidas para a ilha ao desejo que tinham granjeiros-navegadores de escapar da Escandinávia continental no momento em que o surgimento de verdadeiras monarquias estava limitando a autonomia dos proprietários locais.

Seja qual for a teoria preferida sobre o que acontecia na Dinamarca no tocante ao poder, é fato que houve uma sede real reconhecível, a começar da grande sala de que fala *Beowulf*, chamada Heorot, sempre no sítio de Lejre, na ilha de Sjealland, desde aproximadamente 520. A Dinamarca foi pioneira na formação de uma monarquia mais estatal na Escandinávia. A mudança parece conduzir de chefias locais simples a chefias em dois níveis (chefes locais e *jarls* ou chefes de um nível mais alto), depois a Estados mais complexos, embora desprovidos de estruturas burocráticas. O cristianismo ligou-se historicamente à emergência de verdadeiras monarquias centralizadas: o paganismo escandinavo era uma religião dispersa em que o rei tinha funções sacerdotais e ligadas à fertilidade, mas também os chefes ou senhores locais as tinham.

3. As estruturas escandinavas (fim do século V e século VI): uma interpretação com base em *Beowulf*

3.1. Ângulo a partir do qual a fonte permite abordar o tema

Entenda-se que a abordagem possível é somente parcial: não aparecem no poema épico que tomamos como base os camponeses, por exemplo; e, quanto aos artesãos, os poucos que se mencionam - ferreiros, ourives - surgem em função de seus trabalhos para o rei ou para nobres guerreiros. Claramente, o ângulo do poema é o da aristocracia das linhagens guerreiras,

tanto a que se ligava aos distritos quanto a que se destacou das linhagens locais para seguir um rei: e esta última, aliás, volta à província (não necessariamente a mesma em que se originou) mediante doações reais de terras.

O que queremos dizer é que não é o ponto de vista da monarquia o que prevalece no poema. Quando, por exemplo, este mostra exemplos do que é um bom rei ou um mau rei, a categorização parte dos interesses dos guerreiros nobres. Isto parece implicar uma fidelidade maior das descrições de *Beowulf* às estruturas suecas (ou, mais exatamente, do que depois veio a ser a Suécia) do que às dinamarquesas, estas mais avançadas no sentido da constituição de um verdadeiro Estado na época que analisamos. Ponto que, diga-se de passagem, deveria ser levado em conta - mas parece que ainda não foi - para apreciar a origem e a data do poema: pois torna plausível a hipótese de um núcleo original do texto formado na East Anglia, um reino, no século VII, de claras ligações suecas, talvez até no concernente à origem da casa real local, o que parece confirmado pelos achados de Sutton Hoo. Isto tornaria perfeitamente lógica uma maior força da linhagem, e uma relativamente menor do rei, em comparação com o que ocorria na Dinamarca. A obra que defende mais detalhadamente a formação de um primeiro núcleo de *Beowulf* na East Anglia durante a primeira metade do século VIII, entretanto - a de Sam Newton -, advoga uma origem dinamarquesa, não sueca, para a dinastia local. Mesmo discordando do autor neste ponto, muitos de seus argumentos a favor de originar-se o poema nesse reino anglo-saxão me parecem, pelo contrário, convincentes.

Minha estratégia nas partes seguintes (com exceção do tópico 3.6, de caráter teórico) será de, ao iniciar cada tópico, apresentar certo número de passagens de *Beowulf* por mim traduzidas. Minha tradução baseou-se sobretudo nas edições de Chickering e Alexander (ver as indicações bibliográficas no fim deste ensaio), embora levando em conta também outras edições e numerosas traduções para o inglês moderno.

3.2. Os pontos de referência básicos de uma sociedade aristocrática e guerreira:

1) a linhagem

Passagem 1: Fala o poeta



Versos 1-3

"Eia, pois! Nós ouvimos acerca da glória dos lanceiros dinamarqueses, reis de tribos, nos dias de antanho; sobre como aqueles heróis cumpriram feitos corajosos."

Passagem 2: Um guarda costeiro dinamarquês fala a Beowulf, que deseja desembarcar

Versos 244-247a e 251b-254a

"Nunca mais abertamente trataram de vir aqui homens armados [lit. carregando escudos]! E não tendes o consentimento verbal de nossos guerreiros, nem permissão de parentes. (...) Eu preciso saber agora mesmo a vossa linhagem, antes que aqui vos adentreis - espíões à espreita - na terra dos dinamarqueses.' "

Passagem 3: Resposta de Beowulf ao guarda costeiro

Versos 260-266

" 'Nós somos da raça do povo dos Gøtar e companheiros de lareira de Hygelac [= o rei dos Gøtar]. Meu pai era conhecido das gentes, um nobre líder guerreiro chamado Ecgtheow. Ele viu muitos invernos antes de desaparecer, velho, de nossos pátios. Cada sábio conselheiro, em todo o mundo, lembra-se dele. (...) ' "

Passagem 4: Palavras que precedem uma fala de Wulfgar, arauto e mordomo do rei dos dinamarqueses, quando da chegada de Beowulf

Versos 331b-332

"Então um nobre orgulhoso perguntou aos guerreiros a respeito de sua linhagem: (...) "

Passagem 5: Fala do rei Hrothgar, quando informado pelo mordomo da chegada de Beowulf

Versos 372-376

" 'Pois eu o conheci quando criança! O seu honrado pai, já falecido, chamava-se Ecgtheow. Hrethel, (rei) dos Gøtar, deu-lhe para o lar sua única filha. E o seu filho ousado agora veio aqui visitar um amigo leal! (...) ' "

Passagem 6: Ao dar ao rei dos Gøtar, seu primo, os presentes que recebera do rei dos dinamarqueses, diz Beowulf:



Versos 2146b-2151

" '(...) mas ele, o filho de Healfdene, deu-me tesouros de minha própria escolha, que eu te trarei, ó rei guerreiro, presente de boa vontade. Os meus favores ainda dependem de ti: eu tenho poucos parentes próximos, Hygelac, exceto tu mesmo.' "

Passagem 7: Antes de sua derradeira batalha, Beowulf lembra-se de como foi criado por seu tio, o rei Hrethel

Versos 2428-2434

" 'Eu tinha sete anos [lit. invernos] quando o dispensador de tesouros, o amigo real do povo, recebeu-me de meu pai. Ele me protegeu e me manteve bem, o rei Hrethel, dando-me riquezas e festas, lembrando-se de seu clã. De modo algum era por ele - eu, um guerreiro em (sua) fortaleza - menos considerado do que cada filho seu: Herebeald, Haethcyn ou meu (senhor) Hygelac. (...) ' "

Passagem 8: Palavras de Beowulf agonizante

Versos 2729-2732a

" 'Agora quisera dar a um filho meu estes apetrechos de guerra, se me tivesse sido concedido dispor de algum guardião nascido de meu corpo para esta herança. (...) ' "

Passagem 9: Últimas palavras de Beowulf

Versos 2814b-2816

" '(...) O fado empurrou (todos) os meus parentes, guerreiros valorosos, para seu destino fixado; eu devo segui-los.' "

Não se pergunta a um guerreiro, em *Beowulf*, "quem és tu?"; e sim, "qual é a tua linhagem" ou "descendência"? E a resposta vai no mesmo sentido: é preciso determinar em primeiro lugar quem são os parentes de alguém para situá-lo. E um estrangeiro será tratado diferentemente se puder invocar laços de família locais (ou, alternativamente, laços de hospedeiro/hóspede, coisa que ainda se verá). Ver as passagens selecionadas, números 2 a 5.

No poema, o influxo da linhagem e mais em geral do parentesco nas próprias cortes reais é muito grande. Assim, a grandeza de um rei deve traduzir-se no progresso de sua linhagem

e seus parentes. Por exemplo, versos 64-67a: "Então Hrothgar foi vitorioso em batalha e recebeu tais honras na guerra que os homens de sua casa o serviram de boa vontade, enquanto seus parentes mais jovens cresceram em força."

Na verdade, há também uma assimilação dos guerreiros e conselheiros do rei a uma espécie de parentes seus: os seus homens são seus "companheiros de lareira" (ver a passagem 3), "homens de sua casa", "seus nobres" (o termo para "nobre" - com conotação guerreira - é *thegn*, em inglês moderno *thane*), seus "companheiros na sala de festas" (versos 342b-343a), seus *gesithes* (homens lígios): verso 1297. O rei Hrothgar refere-se à sua corte, no verso 387, como sua *sibbe-gedriht*, algo como "tropa clânica". E, ao falar com este rei pela primeira vez, Beowulf diz, nos versos 408b-409a: "Eu sou parente e guerreiro-parente de Hygelac" (*maeg ond mago-thegn*).

A fidelidade ao chefe da linhagem é essencial. Ver a passagem 6: antes de ser seu rei, Hygelac é o "parente principal" de Beowulf, que lhe entrega os presentes que trouxe da Dinamarca (mas recebe outros: o dom e o contra-dom se estabelecem tanto entre o rei e seus nobres guerreiros quanto entre o chefe da linhagem e os membros mais jovens desta).

Os jovens pertencentes à mesma família extensa podem ser criados pelo chefe da linhagem. Ver, a respeito, a passagem 7: note-se que as "razões de clã" (*sibbe*) são aí claramente sublinhadas.

Numa sociedade assim, ter um herdeiro legítimo é algo considerado essencial. Os últimos pensamentos de Beowulf agonizante são para lamentar não ter tido um filho a quem passar as suas armas e para lembrar que vai se juntar aos seus parentes mortos (passagens 8 e 9).

Acima da linhagem, embora com laços mais frouxos e menos claros, está a tribo. Os reis da Dinamarca são chamados de "reis de tribos" (linha 2a) na passagem 1, ou seja, *theod-kyninga*; e Hrothgar é o "amigo e senhor (das tribos) dinamarquesas" (versos 350b-351a: *wine Deniga frean*).

3.3. Os pontos de referência básicos de uma sociedade aristocrática e guerreira:



2) o rei

Passagem 10: O lendário Scyld Scefing, rei dos dinamarqueses, protótipo do bom rei

Versos 4-11

"Com frequência, Scyld Scefing tomou bancos (de beber) hidromel a numerosas tribos, a tropas inimigas; ele aterrorizava nobres guerreiros, apesar de antanho ter sido achado, em primeiro lugar, indefeso. Veio um conforto para isto: ele cresceu sob as nuvens, prosperou em honrarias, até que cada um dos vizinhos à volta, além do caminho das baleias [= o mar], teve de obedecer-lhe, pagar-lhe tributo. Ele [lit. Aquele] era um bom rei!"

Passagem 11: Outro bom rei, Hrothgar dos dinamarqueses, descreve o seu próprio reinado

Versos 1769-1773

" 'Assim, por cem estações [= cinquenta anos] governei os dinamarqueses-dos-anéis sob este céu; e protegi-os na guerra com espada e lança contra muitas nações através da terra do meio - de tal modo que não contava ninguém como meu adversário sob a abóbada celeste. (...)'"

Passagem 12: A relação de um bom rei com seus subordinados: primeiro exemplo (a passagem refere-se a Beowulf)

Versos 2633-2642a

" 'Eu me lembro de quando, bebendo hidromel na grande sala, nós prometemos ao nosso senhor, que nos deu estes anéis, estes apetrechos de guerra, que lhe pagaríamos por estes elmos de bordas temperadas, se jamais precisasse de nós. Para isso (é que) ele nos escolheu dentre todas as suas tropas, selecionando à vontade os seus homens para esta viagem. Ele julgou-nos valorosos - e ele me deu estes presentes -, achando que seríamos lanceiros bons numa batalha, portadores bravos de elmos (...).'"

Passagem 13: A relação de um bom rei com seus subordinados: segundo exemplo (a passagem refere-se a Hrothgar)

Versos 80-81a

"Ele não quebrava promessas: quando do banquete, presenteava anéis, tesouros."

Passagem 14: Heremod dos dinamarqueses, um mau rei

Versos 904b-906

"Seus humores sombrios duraram um tempo longo demais: ele tornou-se uma infelicidade mortal para seu povo e todos os seus nobres."

Passagem 15: Ainda Heremod

Versos 1718b-1722a

"Entretanto, em seu coração cresceu, pensamento oculto, a sede de sangue. Nunca um único anel ele deu aos dinamarqueses pela glória. Continuou a viver sem alegria e sofreu a miséria daquela luta, (ele que foi) longa aflição de seu povo."

Passagem 16: Um príncipe herdeiro - Beow, filho de Scyld Scefing - prepara a sucessão real

Versos 20-25

"Assim deveria um jovem, na casa de seu pai, preparar o futuro por sua magnanimidade e bondade, por meio de presentes magníficos; de modo que, mais tarde, seus homens escolhidos o apoiassem por sua vez, seus subordinados o servissem quando viesse a guerra. Pois, entre todos os povos, é somente através das ações meritórias que um homem pode prosperar."

Passagem 17: O filho de Hygelac dos Gøtar, morto na Frísia: um herdeiro ainda criança

Versos 2369-2372

"Lá [= na residência real], Hygd [= a rainha viúva] ofereceu-lhe [= a Beowulf] tesouro e reino, anéis e o trono real: ela não confiava em que seu filho pudesse manter o país contra os estrangeiros, agora que Hygelac morrerá."

O bom rei, como o mau rei, definem-se no poema em função dos interesses da aristocracia dos guerreiros (passagens 10 a 15). A confirmação dessas passagens escolhidas é abundante no poema. Um dos epítetos mais frequentes dos reis é *beaga bryttan*, ou seja, "presenteador de anéis" (por exemplo no verso 35a): a Arqueologia comprova que tais "anéis"

podem ser de fato anéis, mas também braceletes e outros ornamentos de forma circular. Hygelac é mostrado como um jovem rei guerreiro que dá anéis de ouro em sua sede (versos 1966b-1970). O bom rei é por definição um grande guerreiro: no verso 58, a expressão é *guth-reow*, "feroz no combate". Assim, será respeitado. De preferência, que seja um conquistador, para estabelecer uma base tributária (e ganhar butim) com o fim de efetuar redistribuições generosas de riquezas. Não deve atentar contra a vida de seus nobres, nem interferir com os sistemas locais de propriedade. Deve manter e cumprir suas promessas. Deve ser o protetor do povo e do país, inspirando temor aos vizinhos. Deve, ainda, ser alegre, isto é, participar, com seus nobres, das festas e bebedeiras rituais masculinas em sua "grande sala real".

Já vimos tratar-se, ainda, de uma realeza de base tribal. Hrothgar não é "rei da Dinamarca" - mesmo porque não controla a Jutlândia, só as ilhas -, mas sim, "governante dos dinamarqueses orientais" (*ealdor East-Dena*): por exemplo, verso 392.

Note-se que as mesmas qualidades são atribuídas aos três reis mais "positivos" do poema: Hrothgar, Hygelac, o próprio Beowulf.

Possivelmente por se tratar, na forma em que o temos, de um poema claramente escrito por um cristão, não fala do papel religioso dos reis escandinavos da época (que eram pagãos): a religião pagã só aparece mencionada uma vez, com desaprovação, sem detalhes e com considerável deturpação, nos versos 175-188. Em contraste, as cerimônias descritas de cremação e enterro dos reis em colinas artificiais com tesouros (à maneira sueca da época, não dinamarquesa) são claramente pagãs: a mais detalhada no poema é o funeral do próprio Beowulf, nos versos 3144-3182.

No tocante à sucessão, trata-se de uma monarquia semi-hereditária, semi-eletiva, devendo os reis em princípio sair de uma mesma linhagem: mas o herdeiro precisa formar sua própria entourage e poder afirmar-se militarmente (passagens 16 e 17).

3.4. A grande sala real

Passagem 18: A construção da grande sala real do rei Hrothgar: Heorot

Versos 67b-79



"Veio-lhe à mente mandar que os homens construíssem um edifício, uma sala de (beber) hidromel de teto inclinado, feita por artesãos, da qual se ouviria falar para sempre. E, lá dentro, ele iria partilhar entre jovens e veteranos tudo o que Deus lhe dera, exceto terra popular e vidas humanas [= escravos]. Então, segundo ouvi, trabalho foi exigido de muitas tribos da terra média, para que adornassem aquela sala do povo. A seu devido tempo, rapidamente, no entanto, ela ficou pronta: a maior das salas (reais). Ele, cuja palavra tinha poder por toda parte, pronunciou o seu nome: 'Heorot'."

Passagem 19: Atividades festivas na grande sala real (1)

Versos 88-90a

"(...) pois ele [= Grendel, um ser monstruoso] todos os dias ouvia alegre riso altissonante na sala; havia o tanger da harpa e o canto claro do poeta-cantor."

Passagem 20: Atividades festivas na grande sala real (2): fala o rei Hrothgar

Versos 480-481

"Muito frequentemente os guerreiros, bêbados de cerveja, fanfarronaram por sobre as copas (...) "

Passagem 21: Atividades festivas na grande sala real (3)

Versos 611-612a

"Havia riso de guerreiros, barulho ressonante, as palavras eram alegres."

Passagem 22: Atividades festivas na grande sala real (4)

Versos 1008b-1010

"Então chegou a ocasião e a hora do filho de Healfdene [= o rei Hrothgar] dirigir-se à grande sala: o próprio rei participaria do banquete."

Passagem 23: "A procissão do caminho do hidromel"

Versos 920b-924

"O próprio rei, guardião do tesouro de anéis, saiu do aposento das mulheres, seguro em sua fama, conhecido por sua excelência, com seu séquito numeroso e sua rainha ao lado acompanhada das damas - a procissão do caminho do hidromel."

Passagem 24: A rainha serve bebida na sala real

Versos 612b-621

"Adiantou-se então Wealhtheow, a rainha de Hrothgar, atenciosa à família. Paramentada de ouro, saudou os dignitários da sala real. A nobre esposa deu a primeira copa, cheia até a borda, ao protetor dos dinamarqueses orientais, animando-o a alegrar-se com a festa, aquele querido do povo. Ele bebeu alegremente, rei famoso em vitórias, partilhando a bebida e a festa. A princesa dos Helming [= a rainha Wealhtheow] dirigiu-se aos guerreiros veteranos e jovens, oferecendo a cada um a copa preciosa."

Passagem 25: A princesa serve bebida na sala real

Versos 2020-2024a

"Às vezes a filha de Hrothgar levava recipientes de cerveja aos nobres veteranos através de toda a grande sala. Ouvi os que lá se sentavam darem-lhe o nome de Freawaru, quando ela estendia àqueles heróis a copa decorada de pedras preciosas."

Passagem 26: Presentes dados pelo rei Hrothgar na grande sala

Versos 1043-1049

"E então o senhor dos amigos de Ing [= dos dinamarqueses] cedeu a propriedade de cavalos e armas a Beowulf, dizendo-lhe que os usasse bem. Assim, masculamente, o famoso príncipe, guardião do tesouro, recompensou o feito de batalha do herói com riqueza e cavalos tais que nenhum homem que diga a verdade de acordo com o que é justo poderá neles achar defeito."

Passagem 27: Presentes dados pela rainha Wealhtheow na grande sala

Versos 1215-1218

"Tomou então a palavra Wealhtheow e disse diante do bando de homens: 'Alegra-te com este colar, caro e jovem Beowulf, e que tenhas boa sorte. E usa esta cota de malha, tesouro de um povo, prosperando bem. (...)'"

As relações do rei com seus guerreiros escolhidos têm um ponto focal: a "grande sala real" destinada a festividades. O poema só descreve em detalhe uma delas: Heorot ("cervo", *hart* em inglês moderno), construída por ordem de Hrothgar através de impostos e trabalhos

forçados, além de implicar o trabalho de artesãos especializados (passagem 18). Reunindo várias passagens, pode-se obter uma descrição de Heorot: uma sala alta e comprida de madeira, com teto de dupla inclinação, chão pavimentado (verso 725a), paredes e portas reforçadas com tiras de ferro (versos 773-777a).

Referências bibliográficas:

Fontes primárias (a)

Beowulf: A Dual-language Edition. Edição bilingue e tradução ao inglês moderno por Howell D. Chickering. New York: Anchor Books, 1977.

Beowulf. Translation by Michael Alexander. London: Penguin Books, 2003.

Fontes secundárias (b)

BROOKS, Christopher. *The Saxon and Normans kings*. Glasgow: Fontana-Collins, 1989.

CAMPBELL, James (Org.). *The Anglo-Saxons*. London: Penguin Books, 1991.

EVANS, Angela Care. *The Sutton Hoo ship burial*. London: British Museum Press, 1986.

FISHER, D. J. V. *The Anglo-Saxon age c. 400-1042*. New York: Barnes & Noble Books, 1992.

HAYES, Andrew. *Archaeology of the British Isles*. New York: St. Martin's Press, 1993.

JOHN, Eric. *Reassessing Anglo-Saxon England*. Manchester: Manchester University Press, 1996

KLAEBER, F. (Org.). *Beowulf and the fight at Finnsburg*. Lexington: D.C. Heath, 1950.

OTTAWAY, Patrick. *Archaeology in British towns*. London: Routledge, 1992.